

# **PRODUÇÃO DIALÓGICA DE CONHECIMENTO: UM OLHAR SOBRE ESTÁGIO EM CERES (GOIÁS-BRASIL) A PARTIR DE DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES ENTRE O “EXECUTOR” DA OBRA E O PROJETISTA.**

**VIANA, Alex<sup>1</sup>**

**CAMPOS, Jacqueline<sup>2</sup>**

**VIEIRA, João<sup>3</sup>**

**CARVALHO, Kelly<sup>4</sup>**

**SILVA, Paulo<sup>5</sup>**

**DUARTE, Danilo<sup>6</sup>**

## **RESUMO**

Indagar hodiernos métodos de ampliar e agregar conhecimentos aos estagiários de engenharia civil na cidade de Ceres é o intuito inicial dessa pesquisa. Através de análises de obras na região com sua limitada área de apreensão, foi compreendido um atual método que poderá desenvolver favoravelmente os acadêmicos que aqui praticam seus tirocínios. Visando como um todo a pouca disponibilidade de especialistas adequados para tal demanda, foi apresentado profissionais que mantêm um contato direto as obras locais (mestres de obra e ou pedreiros) que conduzirão esta soma de discernimentos.

Palavras-chave: engenheiro civil -estagiários –mestre de obra.

## **INTRODUÇÃO**

Em diversos cenários no mundo, sobretudo em cidades de pequeno e médio porte há uma limitação em termos de obras de engenharia civil e faculdades e universidades localizadas nestes cenários por vezes ficam bem limitadas em termos de trabalhar de forma coerente a disciplina de estágio. Em Ceres (Goiás – Brasil), cidade com menos de 50 mil habitantes tal realidade não foi diferente e para o Campos de Engenharia Civil se percebeu uma clara limitação em termos de praticidades em relação a discentes atuando em empresas para realização de estágio.

---

<sup>1</sup>Graduando (Engenharia Civil, Centro Universitário de Anápolis, Campus Ceres, Brasil). UniEvangélica, Brasil. Email: alexvribeiro@hotmail.com

<sup>2</sup>Graduanda (Engenharia Civil, Centro Universitário de Anápolis, Campus Ceres, Brasil). UniEvangélica, Brasil. Email: jacquelinegomescampos@hotmail.com

<sup>3</sup>Graduando (Engenharia Civil, Centro Universitário de Anápolis, Campus Ceres, Brasil). UniEvangélica, Brasil Email: vvj\_vjoao2@hotmail.com

<sup>4</sup>Graduanda (Engenharia Civil, Centro Universitário de Anápolis, Campus Ceres, Brasil). UniEvangélica, Brasil. Email: k\_ribeiro9@hotmail.com

<sup>5</sup>Graduando (Engenharia Civil, Centro Universitário de Anápolis, Campus Ceres, Brasil). UniEvangélica, Brasil Email: pd\_dokmos@hotmail.com

<sup>6</sup>Doutor em Recursos Naturais, Universidade Federal de Campina Grande. (Engenharia Civil, Centro Universitário de Anápolis, Campus Ceres, Brasil). UniEvangélica, Brasil. Email: daniloduarte777@yahoo.com

Diante deste cenário um tanto preocupante as cadeiras de Estágio do recém criado curso de Engenharia Civil do maior centro de ensino privado da região ficavam relegados há um certo déficit de conhecimento, haja vista que após pesquisa realizada no campus apenas 20% dos alunos locais estavam estagiando regularmente em obras da região, deixando os 80% com lacunas no conhecimento. Aliado a este problema está o fato de que em regiões pequenas predominam obras de pequeno porte lideradas por mestres e/ou pedreiros, e neste sentido tais categorias de obras embora tivessem em número considerável, não serviam para o estágio nos seus moldes “clássicos” haja vista não tinham a presença constante de um mestre do saber (Engenheiro ou arquiteto).

E como alternativa para sanar este processo foi pensado um modelo de produção de conhecimento a partir de uma perspectiva dialógica, alinhada aos tramites mais atuais da interdisciplinaridade, onde o aluno poderia ter uma experiência em obra e assim contribuir de forma decisiva para o seu conhecimento.

## **METODOLOGIA**

Como alternativa para este processo como primeiro passo foram selecionadas algumas das poucas obras que a região tem e uma vez selecionado o passo seguinte foi estabelecer um contato direto dos mestres de obras e pedreiros com os discentes. Aqui é interessante pontuar que nestas pequenas obras localizadas no interior por vezes se percebe uma carência da presença de profissionais (Engenheiros, Arquitetos) e por vezes caso se opte por visitar uma obra com os alunos que tenha um profissional destes presentes é algo bem limitado, pois há uma grande dificuldade por parte destes quanto ao tempo gasto durante uma exposição entre alunos e o “executor” da obra.

Diante desta realidade, o executor maior (que aqui é o mestre ou pedreiro) sempre disponível em obra, torna-se uma “porta aberta” para o que o antropólogo apresenta como produção dialógica de conhecimento que nada mais seria que trabalhar o conhecimento a partir de uma troca saudável entre setores por vezes relegados da academia.

A troca se deu durante visitas na aula de estágio, um novo horizonte se abriu, é através deles que a pesquisa se aprofunda. Foram realizadas visitas em obras na Cidade de Ceres-Go, onde foi possível conhecer e participar da qualidade de

conhecimento transmitida pelos executores das obras que é sem dúvidas a resposta de que o conhecimento exposto a um engenheiro de forma teórica em universidades se expande de forma vívida e eficaz aos executores de tais obras.

Acontece então a observação participante onde há uma interação entre o pesquisador (acadêmicos)/ pesquisado (mestre), onde o comportamento e a relação apresentada acarretaram em informações e respostas a partir das indagações dos acadêmicos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A luz do conhecimento de ampla experiência do pedreiro ou mestre, quase uma “arte” o primeiro passo na metodologia proposta foi “ouvir” tais profissionais e neste sentido percebeu-se que no seu campo há mais inovação e conteúdo do que a “frieza” dos livros possam registrar. Nestes termos a ida a obra monitorada por um facilitador (Eng. Prof da disciplina) era marcada por um exposição de 1 hora ou mais da forma como tais profissionais estavam executando a obra.

Neste momento os alunos registravam e faziam perguntas sobre o conteúdo da obra e a forma que eles executavam. Não raro por vezes percebia-se que havia formas de execução muito práticas e aliadas ao conteúdo do livro que por vezes não estavam registradas em nenhum manual de execução e era fruto sobretudo dos anos experiências. Percebia-se claramente que os alunos conseguiam ir a um outro nível extraíndo o que poucos conseguiam uma vez que na profissão, por vezes não se concebe que um Engenheiro receba alguma orientação de um subalterno.

Uma vez vencida esta etapa, partia-se para uma segunda etapa onde o aluno ia para a teoria (usando livros acadêmicos de ponta na área) fazia um comparativo, estabelecendo as devidas pontes de conhecimento, bem como um olhar crítico. Aproveitando assim o que fazia sentido e descartando determinados “vícios” de construção tão comuns em obras de pequeno porte. Como conclusão do processo o discente criava sua própria percepção de tudo, nem só a obra, nem só os livros. Estabelecendo ele mesmo este diálogo entre os dois ramos.

As visitas realizadas apenas uma vez ao mês conseguem abrir um vasto horizonte de questionamentos e respostas que os livros não conseguiam esclarecer de forma direta. A atuação do engenheiro civil se destaca na importância do aprofundamento teórico que o mesmo carrega e que infelizmente se distancia da realidade de acompanhamento principalmente em obras em cidades do interior como

acontece em Ceres-Go, impulsionando assim aos alunos o contato direto apenas com os mestres, pedreiros e serventes que ao contrário do que muitos pensam não ser o ideal, acaba gerando aos alunos uma maior necessidade de questionar e “viver” algo real, de modo que o interesse pelo curso aflore ainda mais.

Na primeira visita do segundo semestre de 2018 os alunos dos 6° ao 8° Período do curso de Engenharia Civil Campus Ceres, tiveram a oportunidade de conversar com um pedreiro da obra visitada, em relato o mesmo proferiu o seguinte texto: “(...) observando vocês fazendo o curso de engenharia, saibam que em uma obra de determinado engenheiro, para que ela obtenha sucesso é preciso um bom profissional para executar o projeto”. Após as palavras entoadas ele deu seguimento em explicar o procedimento que estava realizando no determinado momento, de forma clara e sucinta ele conseguiu transpor aos acadêmicos uma visão descomplicada de obra.

Conseqüentemente na segunda visita realizada os relatos anteriores não se tornaram diferentes, é necessário pontuar ainda mais o quanto há uma lacuna no quesito de participação do engenheiro na obra, em uma breve entrevista com o mestre foi perceptível a insatisfação quanto ao engenheiro atuante, questionamos- o como ele vê a atuação/importância do engenheiro em uma obra do porte que estava sendo construída, o mesmo pode nos afirmar que o papel do engenheiro tem sido apenas para resolver a parte burocrática, e permissões quanto a compra e troca de materiais no canteiro.

O que nos leva a questionar se a atuação do engenheiro civil na atualidade tem sido coerente com os verdadeiros requisitos da profissão. Um mestre estaria atuando mais do que o graduado? Essa pergunta não é uma divisão de classes e sim uma contradição, onde é repensado a necessidade por uma busca em inovar e se atualizar frente a profissão atuante.

## **CONCLUSÃO**

Após a metodologia aplicada, pôde se observar e constatar que o profissional de engenharia civil, ainda que sua atuação no acompanhamento de obras seja de suma importância, no Vale de São Patrício essa realidade não obtém êxito, assumindo assim em sua maior totalidade apenas papel burocrático.

Torna-se um grande desafio dos acadêmicos do curso de engenharia civil e engenheiros atuantes, se atentarem e buscar inovar sua participação no canteiro de

obras, visando a importância do acompanhamento e a busca por conhecimento prático.

## REFERÊNCIAS

Claude Lévi-Strauss, uma apresentação. *Estud. av.* [online]. 2009, vol.23, n.67, pp.148-160. ISSN 0103-4014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142009000300019>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

Os dez mandamentos da observação participante. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2007, vol.22, n.63, pp.153-155. ISSN 0102-6909. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092007000100012>>. Acesso em: 28 set. 2018.

SMOLKA, Ana Luiza B. Construção de conhecimento e produção de sentido: significação e processos dialógicos. *Temas psicol.*, Ribeirão Preto, v. 1, n. 1, p. 7-15, abr. 1993. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X1993000100003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000100003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 25 out. 2018.